

Autoras indígenas e as escrituras do corpo da terra

*Indigenous women authors and the writings of the body
of the earth*

Carla Lucilene Uhlmann¹
José Carlos Felix²

Resumo: O presente artigo propõe uma reflexão de como o campo das poéticas orais, seja em seu debate teórico e epistemológico quanto em suas formas de expressão e produção sociocultural, contribui para uma reflexão acerca da construção identitária e cultural dos povos originários do Brasil, particularmente nos modos que ampliam os meios e materialidades inscritas nas formas de acessar, experienciar, produzir e circular as experiências do mundo sensível. Neste sentido, tomamos como mote a forçada apropriação da língua portuguesa nas expressões orais e escritas impostas aos povos nativos do território brasileiro e sua conversão em instrumento de reivindicação dos seus direitos incorporada nas vozes ancestrais para pensar as fabulações produzidas pelos povos originários por meio da imagem conceito da escrita impressa transformada em novas “armas” combativas. Para isso, valemo-nos brevemente da produção poética de Denízia Kawany Fulkaxó, ou Denízia Cruz, como assina em seus livros, com vistas a assinalar uma entre tantas possibilidades de reflexão crítica acerca das maneiras pelas quais os escritos dos povos originários estabelecem o diálogo com os não indígenas, provocando aproximações e transformações criativas tanto na língua quanto na cultura apropriada.

Palavras-chave: apropriação linguística; produção artística dos povos originários; Denízia Cruz.

Abstract: This article proposes a reflection on how the field of oral poetics, both in its theoretical and epistemological debate and in its forms of expression and sociocultural production, contributes to a consideration of the identity and cultural construction of the indigenous peoples of Brazil. Particularly, it explores the ways in which oral poetics expands the means and materialities inscribed in the ways of accessing, experiencing, producing, and

¹Mestranda em Crítica Cultural no programa de pós-graduação em Crítica Cultural – UNEB. Contato: carlinhauhlmann25@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9660-0195.

²Doutor em Teoria e história literária pela Universidade Estadual de Campinas Unicamp. Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Contato: jfelix@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3494-0362>.



Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

circulating the experiences of the sensible world. In this sense, we take as a theme the forced appropriation of the Portuguese language in oral and written expressions imposed on the native peoples of the Brazilian territory and its conversion into an instrument for claiming their rights, incorporated into ancestral voices to contemplate the fables produced by indigenous peoples through the conceptual image of printed writing transformed into new “combat weapons.” To achieve this, we briefly delve into the poetic production of Denízia Kawany Fulkaxó, or Denízia Cruz, as she signs in her books, aiming to highlight one of the many possibilities for critical reflection on how the writings of indigenous peoples establish dialogue with non-indigenous people, provoking creative approaches and transformations in both language and appropriated culture.

Keywords: linguistic appropriation; artistic production of the indigenous peoples; Denízia Cruz.

Boitatá, Londrina, 2023
Recebido em: 23/01/2024
Aceito em: 09/02/2024



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Autoras indígenas e as escrituras do corpo da terra

Carla Lucilene Uhlmann, José Carlos Felix

Introdução

O ser e seus modos de estar e fazer. Habilidades manuais e intelectuais. Temos de fato liberdade para produzirmos e revelarmos os sentimentos e sentidos mais recônditos de nossos seres? Temos de fato liberdade? O nosso modo de pensar e agir no mundo revela uma parte de quem somos. Outros nos habitam, somos uma coletividade, somos um quilombo, somos uma aldeia, somos ancestrais. A ancestralidade que está em nossos corpos mostra as marcas temporais e espaciais. Nosso modo de existir tem as marcas do presente, mas diz muito sobre os nossos antepassados. Foram eles que nos ajudaram e ajudam a evitar a queda dos céus, mas os céus já caíram outras vezes. Nesse emaranhado de fios suspensos, desconectados, enrolados, vamos desenvolvendo novas tramas com novos fios e novas narrativas começam a surgir para que as águas possam fluir com mais naturalidade, seguindo o curso que precisa seguir, mesmo com tantos galhos e pedras que possam atravancar o seu percurso.

“Para ser grande, sê pequeno”³. Os grandes rios nascem da fonte, de um fiozinho de água, cristalina e límpida, para se abrir e se transformar em mares e oceanos. O ser pequeno é na verdade o sujeito transformador, a começar por si mesmo emanando mudanças no convívio com familiares e comunidade. É como uma gota d’água que cai e forma os círculos concêntricos. O quanto o ser pequeno vai influenciar e reverberar para quem está próximo; o quão importante são suas ações para o bem e para o mal.

Numa rede tecida por vários tons de fios, Ailton Krenak nos presenteia com belas palavras, nessa espiral como fio condutor para criar outras narrativas:

De ré, poderíamos dizer que no princípio era a folha. Outras narrativas vão dizer que no princípio era o verbo. Outras ainda vão criar paisagens bem diversas, e isso é maravilhoso. Entre tantos mundos, me sinto especialmente tocado pelas histórias que nos aproximam dos seres invisíveis aos olhos turvos de quem não consegue andar na Terra com a alegria que deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro. Os antigos diziam que quando a

³Excerto do poema de *Ricardo Reis*, heterônimo de Fernando Pessoa.



gente botava um mastro no chão para fazer nossos ritos, ele marcava o centro do mundo. É mágico que o centro possa estar em tantos lugares, mas de que mundo estamos falando? Pois quando dizemos mundo pensamos logo neste, em incessante disputa instaurada por uma gestão que deu metástase: o do capitalismo – que alguns já chamam de capitaloceno. O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação. É maravilhoso que ainda existam essas memórias nas tradições de centenas de povos, seja nas Américas, na África, na Ásia... Essas narrativas são presentes que nos são continuamente ofertados, tão bonitas que conseguem dar sentido às experiências singulares de cada povo em diferentes contextos de experimentação da vida no planeta (Krenak, 2022, p. 31-33).

Verbo, folha e tantas outras narrativas para construir ou repensar em outras formas de habitar esta Terra. Há sim inúmeras possibilidades do existir, do ser e estar mais harmônicos nos espaços-centros. A Terra tem o eixo central para sua sustentação e para completar seu giro; mas cada ser humano possui seu próprio centro, às vezes pode ser o norte, o sul, o leste ou oeste ou, ainda, o céu e os mares. Habitamos esta Terra com nossos corpos-coletivos, corpos-memórias, corpos-narrativas. Somos plurais dentro da singularidade de cada ser. Somos linguagens verbais e não verbais. Podemos pensar, também, pelo viés das palavras formosas segundo a tradição Guarani-Mbyá; elas carregam, por exemplo, toda uma poesia, um ensinamento de uma cultura, todo um poder, como já mencionava o líder indígena Kaká Werá Jecupé (2001) em sua obra *Tupã Tenondé*. A poesia está na vida e vice-versa. As palavras formosas são poesia.

O entendimento que os indígenas têm sobre as palavras, sobre as narrativas é diferente dos conceitos eurocêntricos. Michel Foucault (1996, p. 8) faz o seguinte questionamento: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”. Sabemos que nem todos podem falar quando convier. Algo que não deveria ser, porque todos deveriam ter suas falas validadas. Todos deveriam ser escutados. Mas Foucault vai trilhando por essas veredas, mostrando exatamente que não podemos dizer tudo nos espaços onde estamos inseridos, pois nem todos os discursos são aceitos. E o que se diz pode acabar viralizando. O perigo dos discursos se repetirem erroneamente, ou como se diz no ditado popular: de tanto falar a mesma história, aquilo acaba sendo uma verdade. Ou ainda como a escritora nigeriana



Chimamanda Ngozi Adichie menciona sobre “o perigo de uma história única” (Chimamanda [...], 2009). Não somos somente uma humanidade, não somos somente um Brasil, uma África. Somos diversos, somos plurais. Nossas narrativas são abrangentes.

As cosmologias indígenas são abrangentes, assim como o exemplo da tradição dos Guarani-Mbyá, que têm muito cuidado ao falar, que preservam a poesia da vida, a vida poema. O zelo com as narrativas, com os discursos, com os modos de existir, fizeram as muitas etnias indígenas resistirem durante os séculos para chegar até os dias de hoje. Mas muitos povos foram dizimados e extintos. Segundo os dados do material educativo produzido para a exposição “Nhe’ẽ Porã: Memória e Transformação”⁴, no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, acredita-se que, em nosso país, ainda existam mais de 175 línguas indígenas faladas por pessoas pertencentes a cerca de 305 etnias distintas. Para se ter um comparativo histórico desses dados, estima-se que, antes da invasão dos europeus, particularmente dos portugueses, no território que hoje compõe o Brasil, havia mais de 5 milhões de habitantes que se comunicavam em uma estimativa de mil línguas diferentes entre si. Apesar do que persiste atualmente, aproximadamente 40 línguas estão em risco eminente de extinção.

Neste ponto, não se trata somente das línguas extintas. São vidas, são culturas, são modos de ser, estar e produzir conhecimentos. Outros mundos possíveis que foram destruídos. Hoje, ainda, vários povos estão sendo ameaçados e estão em perigo constante devido a destruição de seus territórios, desmatamento, garimpo ilegal, doenças. Essa dizimação não acontece somente no espaço onde vivem, é um apagamento cultural e linguístico ao mesmo tempo. Vemos nesse ponto que os discursos indígenas são negados assim como suas vidas, seus corpos. As vidas que valem a pena viver e outras que são desprezadas pelos governos, como aponta Achille Mbembe no conceito sobre a necropolítica. No site *Mapa Etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes por Curt Nimuedajú* (Nimuedajú, 1944), podemos visualizar através dos dados registrados que há 659 etnias extintas. É uma lástima.

Foucault menciona que na sociedade ocidental há ainda dois tipos de exclusão: a separação e a rejeição. Em se tratando dos povos indígenas, é o que aconteceu desde a invasão

⁴A exposição temporária “Nhe’ẽ Porã: Memória e Transformação” é a primeira grande exposição no Brasil dedicada às línguas indígenas e traz o compromisso do Museu da Língua Portuguesa de valorização da diversidade linguística brasileira (Nhe’ẽ Porã, 2022).



portuguesa em terras hoje brasileiras, e infelizmente continua acontecendo. O choque cultural entre os europeus e os povos de Abya Yala⁵ foi tão grande que muitos povos ainda narram histórias de dor e sofrimento. Com o choque, a ruptura cultural, linguística e territorial foi inevitável.

Separar, romper e cortar vínculos com as raízes fizeram dos povos indígenas povos da resistência, pois na verdade não há como romper com a ancestralidade porque ela é o fio que sustenta a vida. Os europeus desbravadores impuseram, em corpos indígenas, o dessabor que a expansão marítima trouxe. Os portugueses daqueles tempos longínquos queriam que os povos ameríndios incorporassem a cultura e o modo de ser europeu, que se consideravam os donos do mundo. No que tange ao pensamento de Foucault, a separação e a rejeição que a cultura indígena enfrenta ainda está em potências exponenciais. Mas há um movimento renovador que está trazendo novas narrativas.

Por volta dos anos 70 e 80 do século XX, algumas lideranças indígenas começaram a enxergar outras formas para circular no mundo dos juruás (homens brancos) – a língua portuguesa – como uma ferramenta de poder que poderia auxiliá-los a seu favor, em especial a escrita. Ailton Krenak é um exemplo. Em 1987, ele desenvolveu um papel importante nas discussões da Assembleia Constituinte, que deram origem à atual Constituição brasileira. Ao discursar no plenário do Congresso Nacional (Índio [...], 2014), pintou todo o rosto de preto com pasta de jenipapo, simbolizando o retrocesso que os direitos indígenas estavam sofrendo no país. Seu papel na assembleia foi determinante para, na Constituição de 1988, ser incluído o “Capítulo dos índios”, que garante os direitos indígenas à terra e à cultura autóctone.

Impressos indígenas: resistência e recriação por meio das fabulações

O filósofo francês Roland Barthes em sua magnífica *Aula*, proferida no Colégio de França em 1977, trata, primeiramente, sobre o poder:

⁵ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). (Gonçalves, 2009)



O poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, mas ainda nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações, nas relações familiares e privadas, e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo: chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe (Barthes, 1980, p. 11).

Mais adiante ele comenta:

Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua. A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva (Barthes, 1980, p. 12).

A partir desse pensamento exposto por Barthes, vemos que a língua segue um código, possui normas, tem suas limitações; sendo assim, somos “obrigados” a dizer dentro de padrões. Na frase mais célebre da *Aula*, Barthes (1980, p. 14) cita o seguinte: “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente fascista, pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigado a dizer”.

Fazendo um paralelo entre os filósofos franceses, Foucault e Barthes, os pensamentos parecem ser antagônicos; o primeiro diz que não podemos dizer tudo o que pensamos, já o outro diz que somos obrigados a dizer. Dizemos dentro de limitações, pois seguimos as normas de uma língua. Não podemos dizer de qualquer forma e, de certo modo, somos impedidos a nos expressar livremente. Se a língua não basta, nos comunicamos através de outros meios: corpo, roupa, acessórios etc.; só a língua não é suficiente para a amplitude que é a vida, a vida poema, para as palavras formosas.

Sabemos que a língua portuguesa é a língua oficial do Brasil, uma língua colonizadora, mas não há somente uma língua falada neste imenso país. Como os indígenas precisaram estabelecer uma conexão com os juruás, para a reivindicação de direitos, por exemplo, aqueles se apropriaram da língua portuguesa (leitura e escrita). E foi através dessa percepção que alguns indígenas, mulheres e homens, começaram a publicar e divulgar seus livros para além das aldeias. Barthes tem uma interessante passagem em seu texto:



Mas a nós, que não somos nem cavaleiros de fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*. Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela viso portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro (Barthes, 1980, p. 16-17).

É nesta rasura da língua, através da força da fabulação contida nos processos de criação literária, que conseguimos engendrar formas e texturas à experiência do *sensível*. É com a arte de escrever que conseguimos deslizar e sobreviver nesses interstícios verbais. Na literatura e com a literatura conseguimos desviar do caminho formal da língua, é onde conseguimos, de certa maneira, ter um pouco de liberdade. Na urdidura do texto, os fios seguem pelos caminhos das palavras formosas, formando a vida poema.

E foi com essa sensibilidade da poesia na vida que os indígenas começaram a se apropriar da língua portuguesa para levar e elevar suas histórias para os não indígenas. Podemos pensar na literatura produzida pelos povos ameríndios como um movimento político e de resistência. As narrativas que circulam na oralidade ganham um novo espaço, outra materialidade – o livro.

O primeiro livro de autoria indígena publicado no Brasil foi em 1980, *Antes o mundo não existia – mitologia dos antigos Desana-Kēhīripōrã*, foi escrito por Umusī Pārōkumu, ou Firmiano Arantes Lana e seu filho Tōrāmū Kēhīri, ou Luiz Gomes Lana (Parokumu; Kehiri, 2019). Pai e filho colocaram no papel a mitologia de seu povo. Com ajuda da antropóloga Berta Gleizer Ribeiro, os três conquistaram este feito inédito que abriria portas para outros parentes.

Autoras indígenas e as escrituras maternas



Eliane Potiguara⁶ é considerada a primeira mulher indígena a publicar um livro no país. A obra é *A terra é a mãe do índio*, publicada em 1989 pelo GRUMIN (Grupo Mulher Educação Indígena), é um livro-cartilha que fala sobre a história dos povos indígenas brasileiros. Antes disso, em 1975, ela escreveu o seu poema *Identidade Indígena*. Como precursora em suas artes dos povos originários entre os não-indígenas, ela abriu caminhos para outras mulheres (e homens também) seguirem os seus próprios caminhos para poder contar suas próprias histórias, sendo assim ouvidas, lidas e experienciadas para além dos limites culturais de seus territórios e comunidades.

Eliane Potiguara continua atuante e combativa no emprego de suas palavras escritas ou faladas como armas nas lutas de reivindicação tanto pelos direitos dos povos originários quanto pelo reconhecimento de seu patrimônio cultural. Assim como sua voz e de seu povo, sua produção é vasta e eclética não se limitando apenas aos livros impressos, mas também possui incursões em outras formas de escrita como resenhas, artigos, entrevistas para outros suportes e nas mais diversas materialidades como o digital, o impresso e o audiovisual. Ela narra também a vida de seus antepassados, que a fizeram chegar até o momento presente. Seus encantados avós eram nordestinos, que posteriormente migraram, forçadamente, para o sudeste em busca de melhores condições de vida. História que se repetiu inúmeras vezes em várias famílias brasileiras.

Os registros e criações da sábia Potiguara tem servido de inspiração para as novas gerações de jovens mulheres indígenas. Essas jovens não despontam na cena intercultural contemporânea apenas no papel de escritoras, pois são, acima de tudo, autoras e criadoras de suas próprias vidas que, por meio da fabulação, produzem uma infinidade de expressões de arte nos mais diversos meios e plataformas. Contudo, a despeito das mais diversas tecnologias de ponta que se utilizam para criar e circular sua produção artística e cultural, são também mulheres, mães, educadoras, pesquisadoras, políticas, professoras, artistas e ativistas, fundamentalmente comprometidas com a arte de viver em respeito com a natureza e ao

⁶ Site da escritora Eliane Potiguara (2022).



próximo. É com a arte literária que conseguimos compreender um pouco sobre o universo ameríndio, pois “A literatura assume muitos saberes”, como disse Barthes (1980).

No vasto panorama cultural contemporâneo brasileiro, emerge uma figura notável que transcende as fronteiras de sua comunidade e etnia. Denízia Kawany Fulkaxó, uma jovem mulher sábia da etnia Kariri Xocó, personifica a resiliência e a vitalidade de seu povo. Nascida na aldeia, no município de Porto Real do Colégio, Alagoas, é escritora, professora, contadora de histórias e militante. Além disso, é coordenadora do projeto: “Brincando com os Kariris Xocós”, onde percorre várias cidades e estados, participando de feiras e festivais literários. A múltipla Denízia Cruz está publicando obras que tratam sobre a cultura de seu povo. São narrativas que os mais velhos contam quando a comunidade está reunida ao redor de uma fogueira, por exemplo. O fogo é um elemento muito importante para os povos ameríndios. É uma chama de poder, uma chama também curativa.

Atualmente Denízia tem quatro livros publicados: *Kariri Xocó – contos indígenas*, volumes 1, 2, 3 e 4. As obras são organizadas da seguinte forma: o primeiro livro traz oito contos sobre o universo indígena. São brincadeiras, guerreiros, pássaros. Já o segundo, que traz um CD com músicas, apresenta seis contos abordando assuntos sobre o maracá, o barro, as plantas sagradas, os rios. O terceiro livro também tem oito contos. Aborda temáticas sobre o fumo, os mais velhos, a árvore sagrada, o pintor da aldeia, a vacina. O quarto volume também segue sobre o universo dos Kariri Xocó. Os livros de Denízia Cruz são indicados para todas as idades, mas, às vezes, a classificação etária acaba diminuindo o poder literário que um livro tem. Muitas editoras os classificam por faixas etárias ou por segmento escolar (educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio). Fragmentar uma obra nessas indicações é reduzi-la em um simples trabalho para cumprir metas pedagógicas ou para agradar o mercado editorial com belas cifras. Uma obra literária possui vários caminhos.

A partir da análise das obras de Denízia, trazemos o pensamento liminar tratado pelo estudioso argentino Walter Mignolo para a compreensão das narrativas indígenas que estão sendo materializadas nos livros. Para tanto, temos de voltar no tempo para compreender um pouco sobre o processo que está acontecendo atualmente:



Tive uma conversa algo semelhante sobre colonialismo e modernidade na América Latina com Néstor García Canclini, antropólogo argentino residente no México. Para García Canclini, o colonialismo associa-se ao período colonial, aproximadamente do início do século 16 até o início do século 19. A partir daí, o que temos é o início da modernidade, o processo de construção de nações depois que diversos países obtiveram independência da Espanha ou autonomia em relação a Portugal. Assim, de forma linear, o colonialismo estruturou o passado da América Latina. Uma vez mais, visto nessa perspectiva, o “período colonial” é percebido como anterior à “modernidade”, não como sua face oculta (Mignolo, 2020, p. 80-81).

As fabulações dos povos originários trazem pontos sobre o período colonial, sobre a devastação territorial, linguística e corporal que muitos povos ameríndios sofreram e ainda sofrem. Podemos fazer alguns apontamentos sobre as histórias, narradas oralmente, mas materializadas nos livros. Os indígenas são povos de tradição oral e, conseqüentemente, já têm as histórias internalizadas, já as conhecem. Talvez os mais jovens não saibam todas as histórias de sua cultura, mas certamente os mais velhos, sim.

Percebemos estas características no livro de Denízia Cruz. Ela cria uma coletânea de contos de seu povo e trazendo para a materialidade do livro impresso. Vejamos agora um excerto do conto *O canto de Dondonzinha*, que está no primeiro volume:

Há muito anos, muitas tribos indígenas fugiram do litoral para o sertão nordestino. Essa fuga era para escapar dos bravos bandeirantes e dos senhores de engenho que queriam escravizá-los e tomar suas terras. Muitos índios de várias etnias fugiram, dentre eles uma bela índia chamada Emany (Cruz, 2021, p. 65).

A narrativa continua revelando os caminhos da protagonista Emany, que é guiada pelos sonhos, protegida pelos espíritos, e deverá seguir sempre sua intuição. Nesse trecho, é revelador o que muitos indígenas ainda passam atualmente: fugir para sobreviver. Não é só ficção, infelizmente é a realidade de muitos povos. E a realidade se fez presente em 2023, que foi um ano muito polêmico tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal, onde aconteceu a votação sobre o Marco Temporal, que “é uma tese jurídica segundo a qual os povos indígenas têm direito de ocupar apenas as terras que ocupavam ou já disputavam em 5



de outubro de 1988, data de promulgação da Constituição”⁷. Teve votos contrários e a favor; o texto foi discutido e alguns pontos foram alterados. Dizer não ao Marco Temporal é o mínimo de garantias para os povos indígenas, pois não podemos esquecer que antes da vinda dos europeus nessas terras tropicais, este território já era habitado por vários povos, de diversas etnias indígenas!

O território para os povos originários é, literalmente, o chão. A base que sustenta o modo de ser indígena. O território é o alimento para o corpo físico e para o espírito. É para se afirmar realizando rituais, rezas, curas; dançar para fortalecer as relações sociais internas e externas, com outros parentes. Território é o sobrenome coletivo, Kariri Xocó, Potiguara, Krenak, Munduruku, Yanomami, Guarani e tantos outros que sustentam terras e céus.

A personagem Emany vai serpenteando caminhos, subindo e descendo árvores e rios para burlar os perigos à vista, dos bravos perseguidores, dos bandeirantes, dos senhores de engenho. O sonho é portador de muitas mensagens, para saber como interpretá-las, basta seguir a intuição. A personagem ao acordar de seu sonho, teve a intuição de seguir o seu caminho pela floresta. Num determinado momento, ela avista um homem, que parece ser o guerreiro da tribo que apareceu em seu sonho. Ele respondeu para Emany: “– Menina dos olhos de jabuticaba, ouça o canto dos pássaros, o som do silêncio, da terra, dos ventos soprando nas árvores e das correntezas dos rios caindo sobre as pedras... Continue seguindo sua intuição – respondeu o grande guerreiro” (Cruz, 2021, p. 66).

E assim a jovem Emany foi sendo guiada pelos encantados, pelos ancestrais; escutou também o canto do pássaro Vi-vi carregado de mensagens; a cobra da cura passou pelo corpo de Emany para limpá-la de todas as mazelas. Seguindo sempre em frente, apesar dos medos presentes, ela não desistiu, manteve-se firme em sua jornada. Com uma melodia em sua cabeça, que não sabia de onde vinha, ela foi encontrada pelos indígenas e levada à aldeia. Olhares curiosos miravam a jovem que chegava na aldeia. Ainda emanando o canto, ela foi levada ao Pajé, que perguntou de onde ela vinha. Emany recordou o sonho com o guerreiro e respondeu: “Eu venho das ondas do mar sagrado.” O Pajé compreendeu o significado da resposta. Ele reuniu todos da aldeia para cantar e dançar em homenagem à jovem, que

⁷Agência Câmara de Notícias: O que é marco temporal e quais são os argumentos favoráveis e contrários - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados.



representava a força, a bravura, a intuição e a determinação em seguir o seu caminho. Ele a nomeou de Dondonzinha, que se tornou o som sagrado, o Toré Dondonzinha (Cruz, 2021).

O Canto de Dondonzinha pode ser escutado acessando um sítio online (Canto [...], 2015). O início da canção traz vozes masculinas e femininas, embaladas no ritmo de assovios e típicos instrumentos musicais. Duas frases compõem a música: “Oh minha Dondonzinha da onde vem? - Eu venho das ondas do Mar Sagrado”. É interessante perceber que o conto que está no primeiro volume do livro inspirou a canção e vice-versa. Ou seja, tanto a história quanto a música circulam na oralidade e se complementam, assim como nas rodas de histórias que são contadas ao redor da fogueira, como conta Denízia Cruz nos encontros promovidos para divulgar a cultura de seu povo; os ensinamentos são repassados até hoje para as novas gerações, que vivem na aldeia.

Os livros impressos e o áudio (CD e canal do YouTube) são um complemento para materialização das narrativas, que são as novas bibliotecas. A escritora utiliza a língua portuguesa para divulgar a cultura dos Kariri Xocó para os não indígenas. Mas não é somente uma divulgação, uma mostra cultural, é também uma forma de afirmação de território, o pertencimento de uma cultura distinta. Antes da colonização os povos indígenas já habitavam o território que hoje é o Brasil. É necessário repetir essa história para não reforçar estereótipos, sempre contando a história do vencedor para as novas gerações, caindo no engodo da história única como apontou a escritora Chimamanda.

Este entre-lugar das línguas, a língua materna da autora e o português, causou estranhamento e desconforto num primeiro momento, pois falar o idioma do colonizador ainda causa muita dor. Neste sentido, trazemos novamente Mignolo (2020, p. 304):

O linguajamento deve ser controlado por regras, deve-se respeitar a estrutura gramatical, a coerência do discurso e a lógica argumentativa. Isso tudo é certamente ótimo. Mas não é nem o único nem o melhor modo de produzir, transplantar e transformar o conhecimento. O problema é que as regras restritivas que operam nas culturas acadêmicas baseiam-se na crença de que a literatura é ótima, mas não constitui conhecimento sério. E isso é consequência tanto da diferença imperial (ciência versus literatura) como da diferença colonial (literatura versus folclore).

O linguajamento que o autor menciona é o pensar e escrever entre línguas. Foi nas rasuras das línguas que Denízia encontrou forças para escrever e revelar um pouco sobre a



cosmologia de seu povo. O universo indígena é muito complexo e abrangente, assim como toda cultura. Não há como materializar no livro toda sabedoria ancestral.

Nesta seara, Denízia Cruz buscou outra maneira para reafirmar sua voz, a voz coletiva dos Kariri Xocó. E foi em grupo, reforçando a coletividade, que o projeto “Brincando com os Kariris Xocós” ganhou outros mundos além da aldeia. Os integrantes são crianças, jovens e adultos, e de diferentes gêneros. A performance desenvolvida pelos artistas é realizada com cantos, instrumentos musicais, danças, contação de histórias; as vestimentas são características típicas do povo Kariri Xocó. O grupo se apresenta em feiras literárias, em escolas e demais espaços onde são convidados. Essa manifestação cultural é mais um meio para reafirmar o espaço, o território, mostrando a diversidade que é o povo brasileiro. Essas trocas são importantes para o desenvolvimento afirmativo da interculturalidade. É através das diferenças que podemos nos reconhecer e respeitar aqueles que são distintos.

Um importante destaque é perceber que as crianças já acompanham os adultos, já começam a compreender desde cedo que eles serão o futuro, são os elos conectados com a ancestralidade. Sem essa percepção com as raízes, os corpos-território estarão fragilizados. Por isso é tão importante dançar, cantar, ritualizar, sempre bebendo das raízes do passado com os olhos no presente-futuro.

Fios que tecem memórias: finais abertos

O tempo presente é um presente. Somos agraciados por termos recebido vida para caminhar (suavemente sobre a Terra). O pisar suave é um caminho com responsabilidade. O respeito consigo mesmo e com o próximo faz, ou deveria fazer, com que tenhamos um mundo possível com narrativas mais harmônicas.

As narrativas nos constituem, pois somos sujeitos de linguagem. As culturas são narrativas. Quais narrativas contamos e quais queremos continuar repassando para as gerações seguintes? As narrativas indígenas, contadas ou escritas, podem soar como exóticas para determinadas pessoas. Alguns ficam admirados ao saberem que os povos originários escrevem, pois acham que os indígenas vivem somente nas matas, e nada sabe sobre o mundo



dos brancos. Neste caso, ainda bem que o tempo passa mais depressa. A estudiosa María Teresa Andruetto traz um pertinente destaque sobre as narrativas:

Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso. Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida e, por isso, o desejo de suspender um pouco o transcurso monocórdio da própria existência para ter acesso a outras vidas e outros mundos possíveis, o que produz, por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e, por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios (Andruetto, 2013, p. 54).

Sob o ponto de vista de Andruetto, o mundo que pertencemos não basta, precisamos saber algo a mais para buscar certos sentidos para nossa existência enquanto seres humanos. Como já mencionado anteriormente, somos sujeitos de linguagem, os vários idiomas preenchem as lacunas visíveis e invisíveis de nossos corpos comunicantes, que são alimentados pelas narrativas, ou como dizia Eduardo Galeano “somos feitos de histórias”.

Os avanços tecnológicos, via internet, demonstram uma determinada interação humana, ou seja, todo o mundo está conectado. No entanto, os espaços urbanos ficam reduzidos cada vez mais. Com mais pessoas nos grandes centros, esse contato também acontece no nível linguístico. Várias migrações estão ocorrendo, seja em busca de melhores condições de vida, seja de estudos, trabalhos. Nesse sentido, a língua também vai sendo modificada e a trocas de saberes são inevitáveis. Mignolo (2020, p. 321) traz uma pertinente reflexão sobre isso:

O processo crescente de integração econômica e tecnológica global e algumas de suas consequências (como as migrações maciças) estão nos forçando a repensar as relações entre as línguas (nacionais) e os territórios. A rearticulação do status das nações, como resultado do fluxo global de integração econômica, está formando um mundo de linguajamento interligado e de identidades cambiantes. À medida que as pessoas se tornam políglotas seu sentido de história, nacionalidade e raça fica tão emaranhado quanto seu linguajamento.

Partindo dessa ideia, essas interações serão inevitáveis daqui para frente. O isolamento ficou mais difícil, a não ser por questão de emergência sanitária, caso contrário, as fronteiras linguísticas ficarão suspensas como os fios de memórias que são tecidas com outras



narrativas. Outras histórias que nascem dos lugares mais inimagináveis, lugares outros, de povos e comunidades, que muitas vezes ficam esquecidas e são negadas pelo Estado, assim como apontou Achile Mbembe.

O filósofo Roland Barthes (1980) disse que a “A escritura faz do saber uma festa”. Os povos ameríndios já celebram a vida de outra forma, como reverenciam a vida poema. Os autores indígenas estão colocando no papel um pouco da sabedoria ancestral. Talvez possamos ter outro olhar e pensamento mais ecológico, sustentável, para que não precisemos ficar atônitos com outras quedas dos céus.

Denízia Cruz é uma jovem mulher que tem uma longa caminhada. Os livros que estão sendo publicados serão sua flecha, mas esta não é considerada uma arma e, sim, um antídoto, um alerta para que os juruás repensem sua caminhada. Hoje, no presente, o que estamos deixando para as futuras gerações? As ações do hoje reverberarão num futuro bem próximo.



Referências

ANDRUETTO, M. T. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

BARTHES, R. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

CANTO da Dondonzinha do Mar Sagrado. [S. l.]: Kariri Xocó, 2015. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Release Topic. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jrSvgl8PgWA>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CHIMAMANDA Adichie: o perigo de uma única história. [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=76s>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CRUZ, D. **Kariri Xocó**: contos indígenas. São Paulo: SESC Edições, 2021.

ELIANE Potiguara. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.elianepotiguara.org.br/#>. Acesso em: 16 dez. 2023.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GONÇALVES, C. W. P. Entre América e Abya Yala: tensões de territorialidade. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 20, p. 1-2, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/estudoslatinoamericanos/wp-content/uploads/2019/04/ELA8%C2%BA-Texto9-1.pdf>. Acesso: 3 fev. 2023.

ÍNDIO cidadão? Grito 3 Ailton Krenak. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Índio Cidadão?. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q. Acesso em: 20 dez. 2023.

JECUPÉ, K. W. **Tupã Tenondé**: a criação do universo, do homem e da terra segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MIGNOLO, W. D. **Histórias locais, pensamentos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

NIMUEDAJÚ, C. **Mapa etno histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Belém: Plataforma Nimuendajú, 1944. Disponível em: <http://mapa-nimuendaju.eita.coop.br/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

NHE'Ê Porã: Memória e Transformação. Concepção e curadoria Daiara Tukano. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2022. Exposição.





Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL –ISSN 1980-4504
DOI: XXXXXXXX

PAROKUMU, U.; KEHIRI, T. **Antes o mundo não existia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2019. Disponível em:
<https://www.livrariamaraca.com.br/produto/antes-o-mundo-nao-existia-umusi-parokumu-e-toramu-kehiri/>. Acesso em: 20 dez. 2023.



BOITATÁ, Londrina
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>